



CAPÍTULO 19

A FORMAÇÃO DO HOMEM SOB O OLHAR ATENTO DE VERNANT

Alessandra Aparecida da Silva

RESUMO

O artigo tem o objetivo de refletir sobre como o homem grego se relaciona com o mundo e com os demais numa constante construção da razão e da racionalidade humana sob o olhar de Vernant (2011), na obra *As origens do Pensamento Grego*, a partir da revisão de literatura. As discussões apresentadas perpassam ideais de formação do homem e da sociedade desde as bases herdadas da realeza micênica até o período de formação da pólis em que se constitui novas formas de representação do homem e do mundo. As condições atuais de conhecer-se, relacionar com os outros, ouvir, falar, argumentar, são premissas importantes das relações humanas de nosso tempo. Entretanto, as bases destas relações estão ancoradas em outros tempos, em conquistas da humanidade que perpassaram o tempo histórico e as gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Razão. Homem. Relações humanas.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre as maneiras pelas quais a razão tem influenciado as relações humanas através dos tempos sob o olhar posto na obra de Vernant (2011), *As origens do Pensamento Grego*. Por meio das definições por ele apresentadas de como o ser humano passa do pensamento guiado pela mitologia grega das formas como o Universo se constitui e das relações que se estabelecem nele para outros meios de explicar a origem do mundo e como as pessoas se relacionam neste universo que marcaram a filosofia através dos tempos e as maneiras com as quais a ciência se constitui um instrumento de explicação do mundo e dos homens como uma conquista da humanidade que perdurou pela história.

O trabalho segue uma abordagem qualitativa, por meio da revisão da literatura e percorre um pensamento reflexivo sobre a obra de Jean Pierre Vernant (2011), *As origens do Pensamento Grego*, suas contribuições para o conhecimento do que se chama de compreensão do homem e do universo grego, do desenvolvimento da razão e da formação da sociedade e da política. Visa discutir, ainda, os principais apontamentos do autor para o desenvolvimento da construção de valores e ideais pertinentes a formação da cidade e do relacionamento consciente do ser humano.

Conhecer-se, relacionar-se, ser e estar no mundo com os outros, como ser pensante e ativo, produtor de conhecimento. Fazer-se ouvir, discutir, argumentar. São premissas comuns do tempo contemporâneo, que soa como uma generalização da definição de homem racional e de conhecimento nas pautas relacionadas a sociedade atual. Mas, em uma pausa para reflexão



há que se indagar quais seriam as bases desses conhecimentos e dessas definições. Sendo o ser humano dinâmico e eterno aprendiz, como dizia Gonzaguinha, onde se poderia buscar explicações para essa transformação do humano que compreende que as bases comportamentais, de raciocínio e de conhecimento advém de um processo histórico-cultural e que perpassa não única e somente, pela transformação do humano, mas da própria sociedade.

Seguindo esse caminho, seria possível pontuar importantes marcas desenvolvidas não apenas nas transformações que o ser humano protagonizou, mas da própria sociedade em si ao desenvolver formas racionais de compreensão enquanto ser pensante e as formas com as quais se relacionou com os seus iguais.

Seria possível encontrar dentro da obra de Vernant (2011) algo que demarca o início do uso da razão? O autor demonstra que o advento da razão acontece num tempo histórico cultural e situa o leitor na Grécia antiga, entre os séculos VIII e VII. Entretanto, pontua que o processo histórico é longo, árduo, até que as primeiras transformações possam ser concretizadas.

O autor desenha os caminhos por onde a humanidade foi se desvencilhando da mentalidade religiosa e mística que caracterizou todo o tempo arcaico, para a tomada de um novo rumo de explicação do mundo e do homem. Considerando esta afirmação, pode-se dizer que, a priori, o pensamento racional e o uso da razão passam por construções sociais de homem e de humanidade, pontuadas detalhadamente pelo autor.

É na sociedade grega que se destaca as bases para o desenvolvimento do que posteriormente ficou conhecida como pensamento racional. Com a demarcação histórica do poder micênico, um domínio histórico, econômico, político e social colocou importantes organizações para o que poderá ser tomado como posteriormente como base da civilização que se transformou na pólis.

2. MITO E RAZÃO: AS FORMAS DO GREGO CONHECER O MUNDO

Quando, no século XVI a.c. a cidade de Micenas é caracterizada por sua vida palaciana, de organização política, econômica, social centralizada no poder do Soberano, com sua organização interna constitui um parâmetro social elaborado, mas que representa uma centralidade de poder, uma via única de comando e de modo de vida e relações sociais pautadas em agrupamentos de único comando.

A figura do *ánax*, traz consigo uma representação político-religiosa que carrega a responsabilidade de comandar o tempo, considerando o calendário, os rituais de festas e de honra aos deuses, as taxas e os impostos, assim como as armas e o poder bélico. Em volta desse



poder, a sociedade dividida em classes, organiza uma aristocracia que é ‘abençoada’ pela realeza. Ao mesmo tempo em que, há categorias de serviçais, guerreiros e aldeões.

Micenas é reconhecida na história pela complexidade de suas relações, na divisão de tarefas, no desenvolvimento setorizado de funções específicas de ordem e de serviço no contexto de uma realeza burocrática. De acordo com Vernant (2011), todo esse complexo micênico serviu de base para as civilizações vindouras pela riqueza de sua complexidade. Entretanto, a particularidade micênica era tamanha que o dialeto oficial, encontrado milhares de anos depois era específico, traduzia uma língua silábica compreendida e de natureza puramente micênica. As plaquetas do linear B, ilustram um povo situado em tempo e espaço específico com conhecimento sócio cultural importantes para o desenvolvimento e transformação dos modos de ser e estar no mundo, mas que devem ser compreendidos, no recorte do tempo em que atuou.

Qual a razão do desenvolvimento de uma linguagem ser considerado como um dialeto e não ter perdurado pelo longo dos tempos? Em Vernant, o linear B, surge como a representação de um código a serviço do rei, numa tentativa de superação do linear A. Os escribas, encarregados desta função, especialistas da classe, dominavam os esquemas palacianos de funcionalidade e burocracia e representavam a realeza. Foram os escribas, que ao registrar a escrita silábica do dialeto micênico possibilitaram que a interpretação do código como recorte de um sistema muito maior fosse guardado. Portanto, os fragmentos do dialeto micênico representou uma conquista daquele território, ainda que não tenha sido caracterizado como língua representativa do grego. Mas, certamente foi demarcada uma conquista importante na representação de uma forma escrita de linguagem que serviu posteriormente de conhecimento para a construção representativa de uma forma de linguagem escrita que ficaria conhecida por todo o ocidente.

Mas o que Micenas e a queda do poder micênico tem a ver com o uso da razão?

A queda do poder micênico traz consigo uma transformação das formas de representar, de ser e de estar no mundo. As representações sociais passaram também por uma transformação importante, a explicação das atitudes mediante o ser humano em situações de funerais que pressuponha a incineração, distancia a explicação entre o mundo dos mortos e os vivos numa tentativa de explicação entre divindade e humanidade. As artes e a cerâmica mostram a superação do trivial com o interpretativo, passa das cenas cotidianas para a geometria.



As situações de conflito, a crise que se instaurou depois do desaparecimento da representação do áanax, esboçou dois pólos de disputa de classes sociais diferentes, as comunidades aldeãs e os guerreiros. Os embates e as disputas dessas classes sociais trazem consigo o gene da discussão e da tentativa de superação do conflito. Eis aí uma atitude consciente que considera a possibilidade do entendimento. Vernant (2011), discorre que é nesse período de crise e de “busca de um equilíbrio, de um acordo, fará nascer, num período de desordem, uma reflexão moral e especulações políticas que vão definir uma primeira forma de “sabedoria humana” (VERNANT, 2011, p. 43).

Quais razões o autor pontua como primeira forma de sabedoria? É nas relações conscientes, no embate, na tentativa de comum acordo que a razão externaliza-se. Desta forma, o embate político e a crise social gera um contexto diferente daquele de divisão em classes sem contestação, sem discussão, sem noção argumentativa comum a sociedade micênica. Talvez ali estivesse presente também a hierarquia, a supremacia de um sobre os outros e todo o contexto econômico de classes sociais, mas a ação consciente e busca do argumento torna-se um instrumento diferente da ordem e da obediência. Desta forma, a definição de cidade ganha um novo significado, na mesma medida em que aninha novas relações de homem, de pensamento e de sociedade.

2.1. O Desenvolvimento da pólis e as relações dinâmicas

Como isso diferencia a sociedade que viu desembocar o início da razão e da racionalidade humana das anteriores e das demais?

Vernant (2011) pontua que o desenvolvimento da pólis foi um “acontecimento decisivo” para o desenvolvimento do pensamento no contexto grego (VERNANT, 2011, p. 53). A considerar as próprias mudanças estruturais de formação. As construções de outrora, centralizadas e distribuídas em torno do palácio e da realeza, agora não mais o são.

O layout se dá partir da necessidade e do agrupamento em torno dos interesses dos homens, em torno da *Hestia Koine*, espaço de interesse comum. Esses espaços propiciam a interação e exposição de argumentos, discussões e os debates (VERNANT, 2011).

Há ainda, novas formas de representatividade política, a *arché*, que surge como autoridade e que se desvencilha do sistema palaciano. Por meio da escolha comum significa poder, representação forte de início e de fim. Não mais centrado num único poder, mas exposto na ágora, espaço comum, com considerações e discussões postas ao centro. Tais transformações



vão traçando novas formas de conceber o homem, as representações de poder e as relações humanas.

Neste espaço comum, Vernant (2011) aponta a *sophia*, a história atrela aos grandes sábios o desembocar do pensamento e da reflexão. A eles é creditado os embates sobre o homem como objeto, como centro, com suas relações, sua complexidade, avanços e retrocessos mediante as atitudes e os pensamentos do próprio homem. A razão passa de uma percepção humana para uma ciência, a filosofia. Entretanto, a tentativa destes personagens a quem os créditos estavam acima dos homens comuns, em um misto de racionalidade e endeusamento, buscavam a tentativa de ordenar, no sentido por em ordem, os conflitos, contradições e as inquietações que as relações humanas iam desenhando (VERNANT, 2011, p. 43).

Sobre esta condição, Wolff (1996), ao descrever o universo do homem grego, pontua que o papel designado a esses personagens mostra a explicação do cotidiano ainda muito atrelado ao mundo mítico, as verdades absolutas e as condições de passividade do ser humano diante das explicações da natureza e das relações. Segundo ele, o “antigo mestre da verdade faz ser o que ele diz, enunciando ritualmente o justo: ao fazer isso atribui a cada um sua parte no mundo cósmico e portanto institui a ordem real da Cidade (p. 70).

Portanto é possível acompanhar um cenário de tentativa de constante reflexão sobre as atitudes humanas, suas consequências diante dos grupos, perante seus iguais, o próprio paradoxo do confronto consigo mesmo. Um confronto a que Wolff (1996) denominou de crise e que Vernant (2011) explicita como um caminho construído socialmente para que a possível harmonização tanto homem-homem, quanto homem-com-outros (1996; 2011).

O desenvolvimento da razão enquanto conquista coletiva da humanidade foi um processo árduo, penoso, mas que possibilitou uma nova via de conhecimento, com saber centrado no homem e nas relações humanas afastando-se das explicações de outrora, do poder divinizado, polarizado, de herança micênica. Desta forma, “os problemas de poder, de suas formas, de seus componentes, foram repentinamente colocados em termos novos (VERNANT, 2011, p. 43).”.

A compreensão deste processo significa que para o ser humano houve uma tomada de consciência de si, das suas ações, das ações de outros que desencadeia a tomada de novas atitudes e comportamentos do próprio homem. Portanto, é a partir da tomada de consciência das próprias ações e das ações dos demais e por meio do uso da razão que o homem pode traçar



caminhos individual e coletivamente que permitiram resolver os conflitos tanto do homem quanto da sociedade.

2.1.1. Como a razão humana se personifica nestas transformações?

O desenvolvimento da pólis tornara-se um abrigo favorável para o embate, a discussão, o desenvolvimento do discurso. Traz consigo, uma nova organização social e definições de padrões de civilização importantes que vão além do tempo antigo: o domínio público e o domínio privado. O primeiro, dado a todos, de interesse comum, exposto a coletividade. O segundo, de resguardo individual e privativo. Isso implica novos padrões de comportamento pautados na democratização e nas diferentes formas de conceber o eu e o outro, os interesses comuns acima de todo e qualquer direito privativo ao mesmo tempo em que os direitos individuais são cercados e preservados pela coletividade.

Na reflexão de Vernant (2011), os muros de proteção dos tempos do *anax*, são, na pólis, simbólicos e representa a própria constituição da cidade e do processo democrático. O *demos*, surge como o acesso do homem à voz. No coletivo, as discussões e os argumentos caminham para o campo abstrato e intelectual saindo dos comandos da aristocracia para a cultura comum, (VERNANT, 2011, p. 55).

Para ele, a personificação da razão se dá pela palavra, pela retórica, pela persuasão. A palavra está “sobre todos os instrumentos de poder” (VERNANT, 2011, p. 53). Pode-se dizer que com o poder da argumentação e por meio da palavra a razão humana perpassa a mera forma de pensamento para a tomada de consciência de si, do planejamento das ações, da compreensão do mundo e do outro. A razão torna-se não somente o guia do homem, mas por meio dela todas as outras estruturas ganham novos significados. A palavra não mais significa a linha fixa da ordem, mas a intersecção em potencial sobre as diferentes formas de entendimento e da ação do homem.

Resguardada a visão romântica da razão e da palavra, na sua dimensão política perdurará a relação de poder. O *logos* consolidará a racionalidade humana. A palavra a disposição da política, cita suas regras e seu percurso. A escrita da própria palavra se torna um instrumento intelectual que coloca à exposição toda ideia, toda a racionalidade, um bem comum de pertence de todos. Diferentemente do dialeto micênico, o alfabeto grego torna-se uma técnica, uma linguagem, com o mesmo peso da palavra verbalizada. A divulgação e exposição do dito, inicia uma fase de amplitude da propagação do pensamento que marcaria a maneira como os homens se relacionam entre si.



Com Mileto, os questionamentos registrados guiados pela nova linguagem desvinculada do caráter conservador da mitologia, enveredada para observações iniciais do pensamento sobre o mundo e a origem do mundo, sua ordem e a relação dos indivíduos com o mundo real e físico delinearão uma reflexão em torno de um problema existencial que posto à luz da inteligência humana e a racionalidade permite que a deliberação de um saber completamente distinto do modo que até então se acreditava e se explicava o mundo.

Para a humanidade, as reatas que prendiam a explicação racional foram rompidas para que um novo universo fosse descoberto, possível de entendimento profundo, posto as situações de argumento e de ponderamento. Embora, parta do mito e da explicação que este tem para a origem do universo e do homem, em Vernant (2011), o filósofo grego inicia um processo de indagação e de investigação racionalizada que perpassa pela discussão e pelo questionamento, caminhos intrínsecos ao uso da razão e da atividade humana.

A aplicação do argumento da origem do universo e do homem para o filósofo grego, formula suas explicações para a ordem social, como produto da ação do pensamento humano. A organização da sociedade grega perpassa pelas novas formas de conceber o universo, o homem e as relações humanas.

A organização e a construção social estão associadas ao desenvolvimento do pensamento de como os filósofos gregos representavam o cosmos e o universo. A representação da terra como ponto integrado ao movimento do cosmos explicado por padrões geométricos explica-se a uma sociedade dinâmica construída em torno da ágora. A lei que move o universo é física e intelectual tal qual a lei da sociedade se construindo a partir das condições abstratas da palavra e da persuasão. Deixa-se de explicar-se tudo pelo Soberano como princípio e fim de tudo, para distanciar o mito da razão, propriedade do exercício racional humano.

Ao explicar racionalmente a origem do universo, a filosofia propõe uma representação abstraída do aglomerado de domicílios. Passa de construções em torno do ánax e de sua proteção para construir padrões de novos relacionamentos entre pessoas, entre “iguais”, com proteção ditadas pela razão e pelo exercício da argumentação, coesão e coletividade, formam cidades com suas leis, definidas pelo coletivo.

Nesta discussão, a contribuição de Wolff (1996) mostra que o cenário do discurso e da verdade do Mestre vai sendo cada vez mais questionada pela possibilidade de entendimento do que é a verdade, de como distinguir o discurso do que é verdadeiro de qualquer outro, parâmetros que direcionam o pensamento para a certeza de que há outras possibilidades de



discursos, que há outras formas de explicar o mundo, os homens, as relações humanas e as práticas em sociedade (WOLFF, 1996).

Cada vez mais o homem grego partilha de um estranhamento das condições da verdade, que segundo Wolff (1996) é um espaço de crise da qual emerge a razão. E segundo os dois autores, embora recorra à origem mística da criação do universo ao tentar criar um padrão de questionamento que se possa explicar a origem de tudo, a filosofia é o que permitiu pelo questionamento, que leis gerais fossem formadas gerando a possibilidade, através dos séculos, que essas mesmas leis fossem refutadas ou ratificadas nas gerações futuras (WOLFF, 1996); (VERNANT, 2011).

2.2. O ser humano no mundo com os outros que se faz e refaz num processo constante da busca da razão

Constituída as representações de cidade, na Grécia, com organização política, econômica e social, a palavra torna-se o instrumento regulador. É ela a representação do poder. Nestas representações construídas, o homem depara-se com desafios constantes. Vernant (2011) descreve momentos de crise existencial do mundo grego ao conciliar ordem social e moral. Nestes confrontos, ele destaca que se encontra o ambiente propício para o uso da razão. Ela surge de forma integrada, nas relações sociais que se estabelecem e na necessidade de formar caminhos de entendimento. As formas as quais os gregos foram conduzidos aos novos confrontos gerados com a pólis e os caminhos que tomaram para as explicações das práticas cotidianas parece ter gerado uma nova forma de conhecimento. Wolff (1966), partilha da ideia da crise e alerta para a falsa sensação de sossego e equilíbrio que direciona a uma homogeneidade de pensamento.

Ao terrível Mestre dos tempos obscuros, proferindo verdades inverificáveis às quais era preciso obedecer, teriam sucedido homens livres, vivendo juntos, democraticamente, de acordo com suas próprias decisões, e só admitindo como verdadeiro o que realmente julgarem dever admitir. Mas isso jamais aconteceu. Porque, justamente jamais houve uma técnica argumentativa única nem, de fato, uma racionalidade única (WOLFF, 1996, p. 76).

Compreende-se a ideia dinâmica da crise da razão descrita pelo autor, à medida que novos conflitos exigem novas reflexões e novas condições de argumentação. Não há, com a emersão da razão, uma passividade do homem perante seus iguais. Pelo contrário, há direcionamentos coletivos, posicionamento, argumento, diálogo, o interlocutor é parte ativa do discurso. Com a verdade pautada na racionalidade verificável e consensual entende-se que realmente, não há uma via única de razão.



Em Vernant (2011), a racionalidade assume, antes de tudo, uma dimensão política construída nas relações sociais diversas que exigem formas múltiplas de reconhecer o homem e suas relações “é que a própria Razão, em sua essência, é política” (VERNANT, 2011, p. 141), “permite agir sobre os homens”, “é filha da Cidade” (VERNANT, 2011, p. 142).

No contexto dado, Vernant (2011), discorre que a reflexão encaminha o pensar do homem grego para dimensões geridas pela ética, pela política, pela laicidade do pensamento que permitem que as crises e o dinamismo das formas de entender o mundo sejam interpretadas como formas positivas da racionalidade humana.

Visto desta forma, as relações humanas promovem o pleno exercício da palavra, no sentido de problematizar, argumentar, procurar soluções, até mesmo de padronizar ações e comportamentos adequados a nova realidade e que diferencie dos padrões e comportamentos do regime superado. Assim sendo, o homem passa para uma dimensão maior, para a responsabilidade deliberada de ser e estar no mundo com os demais, as definições das atitudes relacionadas a moral, as atribuições de trabalho e de ordem social e econômica ganham outros sentidos. Não mais se atribuem estas atividades ao comando do Soberano, pelo contrário, as classes sociais oriundas das divisões de trabalho do mundo anterior, reencontram-se no seu próprio caos, nas suas relações.

Quando a sociedade, na sua busca de ordenar-se percorre caminhos condizentes com suas reflexões, as atitudes apontam outras formas de ser e estar no mundo. A produtividade expressa nos acordos “além mar” traz também a ostentação, sobretudo para aqueles com vínculos ao comércio marítimo e/ou ao seu domínio. Desponta uma elite abastada com cada vez menos representantes (VERNANT, 2011).

O homem grego passa pela necessidade de discutir e de formar padrões de violência, astúcia, arbitrariedade, injustiça, pensadas sob a visão da busca de equilíbrio. Há a necessidade de desenvolver critérios de valor que esteja acima das posses e/ou posições humanas, que independa ainda do poder da retórica. Para isso, o homem grego recorre a sua explicação mística, ao mesmo tempo em que desenha formas aplicadas de pensamento e razão.

A *Dike*, personificação da justiça, que regulava o pensamento do grego para o bom, o agradável, a compreensão e retificava as ações dos indivíduos, que estavam de posse do argumento e/ou que o acompanhava forma as bases para uma conquista de todos, o elo possível para que a sociedade permaneça unida. O equilíbrio da cidade, é antes, um esforço do intelecto que se funde com critérios de argumentação e harmonização entre os grupos e as classes sociais.



Visto assim, os confrontos são pensados e tomados observando o direito de todos. Difunde-se as ideias de desagrado, inadequado, infração, malfeito e horrendo como desvínculo do social, do coletivo.

O homem, na crise, formula padrões sociais de bem comum. A condenação surge, à luz da justiça, como ato de debate e de comum acordo para aqueles que rompem com a lei da coletividade, que vem antes do indivíduo. Os que compõem a cidade, por mais diferentes que sejam por sua origem, sua classe, sua função, aparecem de uma certa maneira “semelhantes” uns aos outros (VERNANT, 2011, p. 65).

Neste trecho o autor define o quanto a formação e consolidação da pólis traz uma propinquidade para a surgimento da filosofia. O ser humano transcende a sua vontade para agir única e exclusivamente pela racionalidade. Agrupar-se entre iguais é sinônimo de proteção, representatividade, fortalecimento de laços econômicos e políticos. O ser humano assume com a pólis a sua dimensão política.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícil dimensionar as contribuições das conquistas gregas para as sociedades vindouras. Os padrões e valores ali vivenciados, experimentados e construídos no embate social, na ágora, na tentativa que o homem faz de superar a crise do próprio homem utilizando um caminho novo pautado na palavra e na representação desta enquanto ser em sociedade. Contribuições que foram direcionadoras para o desenvolvimento do pensamento ocidental, da ciência e do sistema político, que embora tragam na sua origem a representação de elite e de divisão de classes sociais, contribuem também para a possibilidade de argumento de que as representações das minorias possam ser regidas pelas mesmas regras sociais dos mais abastados. Isso ilustra uma possibilidade de que o argumento e a persuasão podem adentrar a dominação econômica para a regra geral da apresentação das provas e do convencimento pela lógica.

Com a observação atenta de Vernant (2011) a todo o contexto social construído historicamente onde um fazer e modo de ver interfere não só na forma de conduzir os elementos práticos como as estruturas, o comércio, a divisão de posses, mas também os mais complexos, como a forma que o homem se percebe no universo e como se relaciona com os outros homens. Como a sociedade, milênios depois, poderia encarar a própria existência de maneira tão clara e produtiva? O homem contemporâneo coloca os conhecimentos construídos à luz da ágora



para que o bem comum seja decidido da melhor forma? A ágora que se dispõe realmente está aberta para a discussão e para a transformação do espaço como produto do coletivo?

O olhar atento de Vernant (2011) postula questionamentos importantes em qualquer tempo histórico. Não há conciliação sem o compromisso dos dois lados. Omitir, encalçar, isentar e subornar não permitiram o avanço do pensamento grego e não permitirá transformações sociais em nenhuma sociedade. O poder da palavra e a deliberação da justiça devem estar a serviço de um bem maior, o conhecimento, o comprometimento com o todo acima do um. Caso contrário, regressa-se ao caso grego, da vivência em sociedade, sem que esta seja percebida, em sua essência, pelas pessoas da qual faz parte, sem que seja refletida e tomada pela razão, essência da “atividade humana”.

REFERÊNCIAS

VERNANT, J. P. *As Origens do Pensamento Grego*. 20ª ed. RJ: Difel, 2011.

WOLF, F. Nascimento da Razão: origem da crise. In.: NOVAES, Adauto. (Org.) *A Crise da Razão*. SP: Cia das Letras, 1996, p. 67- 82.